



### O QUE HÁ DE ERRADO COM A TEOLOGIA BRASILEIRA?

Particpei em julho do Fórum Internacional de Teologia Contemporânea em Mendes, RJ. O evento reuniu professores/as de teologia (na maioria protestantes) e estudantes interessados. Assisti a todas as conferências e participei de dois seminários temáticos (Teologia e Ciências da Religião e A formação pastoral nos seminários). Porém, retornei do evento um tanto frustrado por diversas razões:

1. A maioria dos preletores não era do Brasil. Estiveram presentes Xavier Pikaza da Espanha, Elza Tames da Costa Rica e Harvey Cox, dos EUA. O único brasileiro a proferir duas palestras para todos os participantes foi Rubem Alves que, por várias vezes, frisou que não é mais teólogo, que abandonou a teologia, migrou para a poesia e não vê mais sentido no labor teológico. Desdenhou dos teólogos e desestimulou os estudantes presentes; o mesmo discurso foi repetido por outro preletor, responsável por um dos seminários temáticos que participei, tendo ele dito aos seminaristas presentes: "o que vocês estão fazendo aqui? Procurem outra coisa melhor para fazer na vida... não há futuro para a teologia";

2. Parece-me que a teologia protestante brasileira está estagnada e em crise de identidade. Não consegue se desvencilhar apropriadamente do fundamentalismo ou, quando o faz, acaba caindo num fundamentalismo de esquerda, niilista, preconceituoso e sem esperanças. Isso se manifesta na tendência cada vez mais crescente de fazer apenas Ciências da religião renunciando à teologia. Boa parte do que ouvi lá pendia mais para ciências da religião e pouco para teologia. Parece que falta ao grupo que organizou o FITEC uma precisão maior quanto à especificidade da teologia enquanto discurso de fé em Deus e compromisso com Ele e com a Igreja. Ouvi muitas críticas à igreja, mas de gente que guarda pouquíssima relação com a igreja. Seria bom a eles ler Moltmann: "Se a teologia acadêmica não for para o meio do povo, ela perde a sua base. Sem a igreja, a teologia cristã não pode existir como disciplina universitária. Ela se desfará em ciência da religião. Em contrapartida, a teologia do povo perde o seu caráter racional quando não dá atenção à teologia acadêmica ou quando despreza as suas competências" (*Experiências de reflexão teológica*. Ed. Unisinos: São Leopoldo, 2004, p. 22).

3. Alguns pensadores brasileiros (assim preferem se designar porque têm vergonha de se qualificar como teólogos) dão aula em seminários e vivem, em última instância, dos dízimos e contribuições que o povo oferta no altar... mas não se aproximam dos problemas concretos da igreja ou quando o fazem querem apenas avaliar sociologicamente sem propor rumos. Não admitem trazer para a discussão temas que estão fervilhando nas igrejas porque acham que não são assuntos dignos de figurar numa teologia acadêmica. Desse modo ajudam a ampliar o abismo que separa igreja e academia. De um lado ficam as igrejas, à mercê de teólogos aproveitadores e de baixa qualidade; de outro ficam os "ex-teólogos" desdenhando da



religiosidade popular e sem oferecer qualquer alternativa. Com isso, o fosso aumenta e a academia esquece que a religião que vai pra frente é a religião popular. A religiosidade do mundo acadêmico não faz igreja nenhuma crescer. Por mais que seja importante a academia, é a religiosidade do povo que alimenta a igreja. Mas os teólogos acadêmicos não gostam dela nem propõem nada novo ou quando o fazem, são liturgias sem pé nem cabeça que mais parecem saraus literários de poesia;

4. O grupo que organizou o FITEC idolatra Rubem Alves e vive nostalgicamente de um passado em que a teologia protestante brasileira pulsava com vigor (anos 60 e 70). Mas Rubem Alves se tornou extremamente repetitivo. Seu discurso está cada vez mais idealista, platônico e docético. Cheio de amargura, Alves só vê seu jardim imaginário com morangos e caquis. Entrevistado por Jô Soares este ano, relembrou seu pastorado numa perspectiva positivista - como um estágio infantil que foi superado e do qual se envergonha. Chegou a enfiar o dedo num caqui imaginário e manteve, durante bom tempo, seu dedo erguido de modo fálico e infantil no caqui. A "teologia" (sic) de Rubem Alves é docética. Falta-lhe a perspectiva da encarnação. Por mais que ele fale bastante de corpo, amor, etc... tudo se reduz a palavras, palavras, palavras... e o pior é que é um platonismo sem esperanças porque não acredita na possibilidade de mudanças, não dá abertura para o agir de Deus e desconfia de todos que sonham e buscam um rumo, como se isso fosse perigoso. O discurso de Rubem parece o de um homem sem fé e sem esperanças históricas para além dos livros de poesia.

5. Faltou no evento um espaço para comunicações científicas de gente nova que anda escrevendo e produzindo coisas relevantes; faltou abordagem bíblica sólida e não houve nada que amarrasse as discussões em grupo numa plenária final da qual emergisse um manifesto ou documento proativo.

Ao final, minha impressão foi a de que vivemos um tempo no qual precisamos "voltar ao primeiro amor", à experiência de fé original e ouvir o louvor de Jesus sobre: "Graças te dou, ó Pai, porque ocultaste estas coisas aos sábios e instruídos e as revelastes aos pequeninos". Sem retorno à experiência da fé e aproximação da religiosidade popular, a "teologia" protestante brasileira que é feita em círculos acadêmicos mais "liberais" se perderá no vácuo da pesquisa descomprometida e do niilismo.

Rev. Carlos Eduardo B. Calvani

### NOTÍCIAS DO CEA

**Teólogos anglicanos contemporâneos** – O Coordenador do CEA inaugurou o programa de aulas do segundo semestre no IAET, (DASP) com uma aula sobre teólogos anglicanos contemporâneos (R. Fuller, Spong, Stott, Allister McGrath e David Ford) no dia 12 de agosto. Na ocasião também dirigiu um estudo sobre o Relatório de Virgínia.



## Centro de Estudos Anglicanos



---

**Consulta Teológica** – A equipe coordenadora da Consulta reuniu-se em São Paulo nos dias 17 e 18 de agosto e fez os últimos encaminhamentos para esse importante evento que repensará os rumos do ensino teológico na IEAB.

**Partilha Teológica** – Acontecerá em Brasília a partilha envolvendo delegados/as clericais da DAB, DAR e Distritos nos dias 26 a 28 de agosto. O evento contará com assessoria dos bispo Edmund Sherrill e Glauco Soares de Lima. A próxima partilha será realizada em Santa Maria, com representantes das dioceses do sul, nos dias 30 de setembro, 1 e 2 de outubro.